

Paulo Freire e a educação na pandemia: o que as imagens nos dizem?**Paulo Freire and education in times of pandemic: what do images tell us?**Vivian Martins ¹

Resumo: Ao longo do artigo, converso com imagens que provocaram diferentes sentimentos e significações sobre a educação na pandemia pela perspectiva da teoria do conhecimento de Paulo Freire. Entendendo as imagens como personagens conceituais, de acordo com as pesquisas com os cotidianos. Dessa forma, objetivamos estabelecer diálogo com o pensamento de Paulo Freire para pensar em possibilidades de ressignificação da educação que está sendo praticada em alguns cotidianos escolares. Para proceder com as análises, quatro noções que se tornaram significativas ao longo da pesquisa foram aprofundadas: desigualdades sociais e o direito de aprender; educação bancária e a produção de conteúdos; dialogicidade e educação libertadora; e pensamento crítico para equidade e justiça social. Assim buscamos caminhos para repensar a educação praticada atualmente.

Palavras-chave: Educação na pandemia. Paulo Freire. Pesquisas com os cotidianos. Imagens como personagens conceituais.

Abstract: Throughout the article, I talk to images that provoked different feelings and meanings about education in the pandemic from the perspective of Paulo Freire's theory of knowledge. I understand the images as conceptual characters, according to research with everyday life. Thus, we aim to establish a dialogue with the thought of Paulo Freire to think about possibilities for reinterpreting the education that is being practiced in some school routines. To proceed with the

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), na linha de pesquisa "Cotidianos, redes educativas e processos culturais?". Possui mestrado em Educação pela UERJ, especialização em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense (UFF) - 2015, MBA em Gestão de Recursos Humanos pela UFF - 2011, Licenciatura e Bacharelado em Pedagogia pela UERJ - 2009. Professora de Educação a Distância e Tecnologias Educacionais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ). Membro do Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura (GPDOC-UERJ) e do grupo Literacia visual: pesquisa, ensino e formação docente em Artes (IFRJ). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em educação e cibercultura, pesquisa e prática pedagógica, formação de professores, educação online e tecnologias educacionais. Site: <http://docenciaonline.pro.br/moodle/course/view.php?id=87> E-mail: vivian.martinst@gmail.com

Recebido em 29/09/2021

Aprovado em 14/11/2021

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



analyses, four notions that became significant during the research were deepened: social inequalities and the right to learn; banking education and content production; dialogicity and liberating education; and critical thinking for equity and social justice. So we look for ways to rethink the education practiced today.

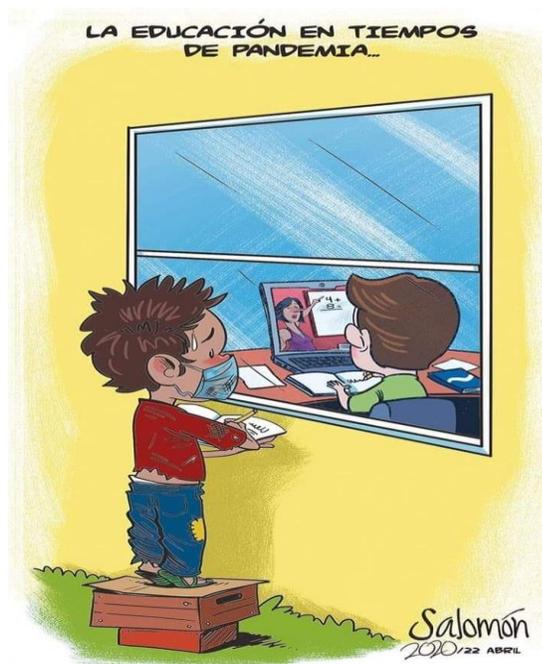
Keywords: Education in Times of Pandemic. Paulo Freire. Everyday life research. Images as conceptual characters.

Pensamentos introdutórios

No momento excepcional que estamos vivendo, educação, escolas, educadores, estudantes, famílias e outros envolvidos precisaram pensar rapidamente e agir por diferentes caminhos para a tentativa de uma educação de qualidade. O presente artigo estabelece um diálogo entre Paulo Freire e a educação na pandemia de Covid-19, contando com imagens amplamente divulgadas em mídias sociais no Brasil como disparadores para conversas. A imagem abaixo, de autoria de Salomón, iniciou minhas reflexões. Com o título “A educação em tempos de pandemia” (tradução da autora),

Salomón desenhou duas realidades discrepantes, mas recorrentes, chamando atenção para as desigualdades sociais e a necessidade de pensar em justiça social.

Imagem 1 - La Educación em tempos de pandemia...



Fonte: <https://campanha.org.br/noticias/2020/04/28/dia-da-educacao-em-tempos-de-pandemia-com-decisoes-de-olhos-vendados-para-realidade-nao-e-facil-comemorar/>

As imagens selecionadas ao longo da pesquisa possuem a educação como temática e foram captadas no Facebook, Instagram, Pinterest e Twitter ao longo de um pouco mais de ano de pandemia. Após um amadurecimento das práticas de educação na pandemia, verificação da constância dos temas e análise aprofundada das imagens, resolvi escrever inspirada em Alves (2008) e as pesquisas com os cotidianos. Consideramos as imagens criadas e amplamente compartilhadas nas mídias sociais como “personagens conceituais” (DELEUZE; GUATTARI, 1992). Tais imagens me fazem refletir, relacionar, agir e tantas outras ações de pesquisa e produção de conhecimento.

[...] fomos levados, nas “conversas” de nosso grupo de pesquisa, a compreender as imagens e as narrativas como “personagens conceituais” (DELEUZE e GUATTARI, 1992), ou seja, como aquele que “fazemos falar e perguntar por nós”, como Deleuze indica que Descartes faz com seu personagem “o Idiota”. Ou seja, como o “outro” com que “conversamos” permanentemente, que nos vai colocando perguntas, que nos obriga a pensar para fazer caminhar o pensamento e com o qual criamos conhecimentos significações com tudo o que vamos acumulando, organizando e articulando ao desenvolver as pesquisas (ALVES; ANDRADE, 2013, p. 3).

Ao longo do presente artigo, converso com as imagens que me provocaram diferentes sentimentos e significações. A questão de estudos é: o que a teoria de Paulo Freire pode dizer sobre a educação praticada na pandemia, a partir de imagens que denunciam e anunciam situações educacionais cotidianas? Dessa forma, objetivamos estabelecer diálogo com o pensamento de Paulo Freire para pensar em possibilidades de ressignificação da educação que está sendo praticada em alguns cotidianos escolares.

Para Freire (1987), educar é um ato político que visa liberdade, transformação da visão de mundo, autonomia e deve estar fundamentada em uma perspectiva emancipatória. Trata-se de uma educação repleta de significações, que faz com que o estudante aprenda a partir de situações concretas de suas experiências de vida. Algumas imagens denunciam desigualdades sociais, conteudismo, desinteresse, educação bancária, falta de diálogo e a necessidade de ampliar o pensamento crítico para equidade e justiça social. No desenvolvimento do artigo, destacamos tais tópicos que se tornaram mais significativos e recorrentes ao longo da análise de dados, para chamar atenção para a “educação” que está sendo praticada ao longo desse um ano de pandemia e anunciamos algumas possibilidades para um movimento em outras direções.

As imagens como personagens conceituais e as pesquisas com os cotidianos

No Brasil, há mais de 25 anos, pesquisadores inspirados em Certeau (1994), Deleuze e Guattari (1992), Lefebvre (1992) e outros, investem em compreender os cotidianos. Nossa inspiração maior encontra-se nos trabalhos de Alves (2008), que direciona seus estudos para as pesquisas com os cotidianos escolares. Estamos interessados nas maneiras de fazer dos praticantes culturais, as táticas, os usos e as astúcias do cidadão comum, ou ordinário (CERTEAU, 1994), em especial nas diversas redes educativas onde nos formamos.

Alguns princípios das pesquisas com os cotidianos são: entender as práticas educacionais a partir de uma multiplicidade de sentidos e significações; valorizar os sujeitos da pesquisa; assumir a imprevisibilidade na investigação científica; compreender a pesquisa como processo e não considerar somente o resultado; e perceber a complexidade dos *espaçotempos* escolares, já que a nossa leitura dos acontecimentos não pode ser compreendida como a totalidade dos cotidianos, pois múltiplos enredamentos os atravessam.

Alves (2008) elencou cinco movimentos necessários para as pesquisas nos/dos/com os cotidianos, são eles: o sentimento do mundo, virar de ponta cabeça, beber em todas as fontes, narrar a vida e literaturizar a ciência e *ecce femina*. Andrade, Caldas e Alves (2019) atualizaram esses movimentos e inauguraram mais um, são eles: o sentimento do mundo, ir sempre além do já sabido, criar nossos personagens conceituais, narrar a vida e literaturizar a ciência, *ecce femina* e a circulação dos ‘conhecimentos significações’ como necessidade. Dentre os seis movimentos, detalharemos dois que serão mais utilizados no presente artigo, convidando os leitores para leitura direta do referencial teórico, de forma a conhecer também os demais movimentos. Alerto que não desconsidero os demais movimentos, pois eles estão enraizados em nossa epistemologia, só não foram aprofundados para poder direcionar o foco para o que será abordado e não gerar confusões.

O terceiro movimento das pesquisas com os cotidianos chama-se “criar nossos personagens conceituais”. Para elaboração da noção, as autoras dialogam com Deleuze e Guattari (1992) que valorizam a criação de intercessores para disparar reflexões e contribuir para a compreensão do tema pesquisado. Tais intercessores nos fazem refletir e criar, de forma articulada com as pesquisas, disparando ideias, alertando para necessidades da pesquisa, denunciando pontos a melhorar,

anunciando possibilidades de ação e tantas outras oportunidades de dialogar com a investigação científica.

Fomos entendendo, então, que os “personagens conceituais” poderiam ser figuras, argumentos ou artefatos que nas pesquisas que desenvolvemos aparecem com aquilo/aquele com que se “conversa”, permanecendo por muito tempo conosco para que possamos pensar e articular idéias, formando os ‘conhecimentossignificações’ possíveis aos processos de pesquisa que desenvolvemos. Assim, fomos percebendo que, nas pesquisas nos/dos/ com os cotidianos, as narrativas (e sons de diversos tipos) e as imagens dos ‘praticantespensantes’ dos ‘espaçostempos’ que pesquisávamos eram “personagens conceituais”. Com eles, então, conversamos longo tempo, e vamos formulando modos de fazer e pensar nas pesquisas que desenvolvemos (ALVES, et. al, 2016).

Seguindo as orientações das autoras, conversarei com as imagens, formulando modos de fazer e pensar voltados para as pesquisas que desenvolvo. Considero importante elucidar sobre o processo investigativo e como a pesquisa foi desenvolvida. Inicialmente, fui tomada pelas imagens em minhas redes. Como profissional da educação e pesquisadora do uso tecnológico em contextos formacionais e da educação online, as imagens chegavam por meio de marcações de amigos que sabiam que trabalho na área, em grupos sobre educação que participo, em mídias sociais e em sites com conteúdos voltados para a educação. A percepção de Colacique é a mesma que direciona nosso caminhar na pesquisa, tornando o fazer científico uma construção humana e cultural e não impessoal, neutra, objetiva e distante.

Em consonância com os princípios metodológicos já expostos nesse estudo, é importante destacar que não vamos ao campo, como quem vai a um lugar estranho ‘colher’ informações. Estamos no campo, praticando a vida cotidiana junto com os praticantes dessa pesquisa – mergulhados, atravessados, afetados. Somos, nesse caso, parte integrante daquilo que pretendemos investigar. Habitamos as redes sociais, juntamente com os praticantes [...] (COLACIQUE, 2018, p. 39).

Entendendo que nas redes educativas onde esses professores se encontram há uma grande produção de conhecimento, operações, usos, táticas e desvios de usuários (CERTEAU, 1994) que promovem entendimentos únicos sobre o objeto de pesquisa, passei a habitar tais espaços com mais frequência. Observando a constância dessas produções imagéticas, resolvi criar um ambiente em um grupo no WhatsApp para reunir todas as imagens e analisar o que elas diziam, entrelaçando com os referenciais teóricos, em especial com Paulo Freire. Ao longo de 4 anos, venho debruçando

minha atenção aos estudos desse autor e agora com o centenário de sua vida, resolvi escrever esse artigo e expor minhas reflexões a partir de algumas imagens selecionadas levando em consideração como elas denunciam e anunciam situações cotidianas.

Vale ressaltar que o rigor desta investigação encontra-se nas escolhas para a produção do conhecimento, no quadro teórico coerente com as práticas e na avaliação permanente das etapas da pesquisa. Escolhas rigorosas são feitas ao trazer as imagens para o estudo, não pelo que seria mais fácil, mas pelos assuntos mais recorrentes e críticos. Todo trabalho intelectual é uma produção subjetiva, com seleções, delineamentos e atravessamentos que afetam o pesquisador. São opções para melhor compreender o objeto de pesquisa. Macedo, Galeffi e Pimentel (2009) acreditam que a qualidade dos efeitos de um método esteja nas reverberações realizadas nas vidas cotidianas dos indivíduos e das sociedades.

A análise e a triangulação dos dados emergentes do campo de pesquisa dispõem de alguns passos importantes, entrelaçamos a teoria com as imagens e as significações que elas provocam enquanto personagens conceituais, a partir dos aspectos observados no campo de pesquisa. Dessa forma, é possível organizar, analisar, categorizar e descrever tendências observadas entre as diversas recepções ao longo da investigação. Diante de tal movimento, buscamos compreender as criações imagéticas compartilhadas em redes digitais e como elas disparam reflexões, pensamentos que serão abordados na sequência.

O que Paulo Freire pensaria da educação não presencial na pandemia de Covid-19? As imagens como disparadores de conversas

O presente tópico será discutido em quatro temas que estão totalmente entrelaçados na perspectiva de Paulo Freire: desigualdades sociais e o direito de aprender; educação bancária e a produção de conteúdos; dialogicidade e educação libertadora; e pensamento crítico para equidade e justiça social. A princípio incluirei a imagem para que o leitor possa ser arrebatado por ela, tecer suas próprias conclusões e poder refletir junto comigo sobre as significações que elas causaram. E na sequência apresentarei minhas observações, relacionando com o pensamento de Paulo Freire.

- As desigualdades sociais gritantes: quem tem o direito de aprender?

Imagem 2 - “Só tem o meu celular. A gente tem que ser virar do jeito que dá”.



230

Fonte: <https://www.campograndenews.com.br/educacao-e-tecnologia/pandemia-e-a-arte-de-dividir-1-celular-por-3-filhos-ou-mais-quando-ha-internet>

Imagem 3 - Um lar e múltiplos entrelaçamentos familiares

EAD. Acesse a plataforma, faça suas tarefas e envie on line. A educação não pode parar.



Fonte: <https://campanha.org.br/noticias/2020/04/28/dia-da-educacao-em-tempos-de-pandemia-com-decisoes-de-olhos-vendados-para-realidade-nao-e-facil-comemorar/>

Imagem 4 - Conectividade e acesso à informação

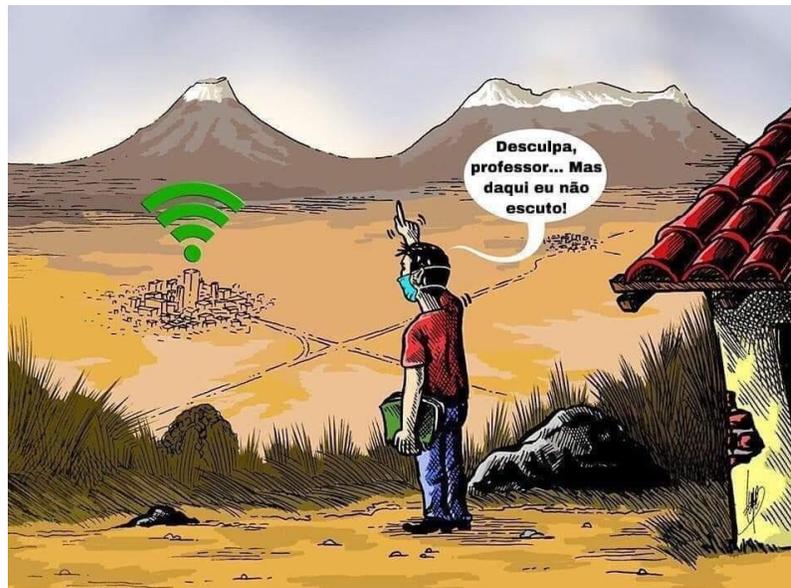
Fonte: <https://in.pinterest.com/pin/276901077079401807/>

Imagem 5 - Exclusão digital no Brasil



Aluno de escola pública comove a web ao estudar usando wi-fi de açougue, em Goiás — Foto: Macos Paulo Cruvinel/Arquivo pessoal

Fonte: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2020/06/10/aluno-de-escola-publica-comove-a-web-ao-estudar-usando-wi-fi-de-acougue-em-goias.ghtml>

Iniciamos o debate com o recorte de classe social. Para Paulo Freire (2003), “o horizonte do contexto cultural, [...] não pode ser entendida fora de seu corte de classe, até mesmo em sociedades de tal forma complexas em que a caracterização daquele corte é menos facilmente

apreensível” (FREIRE, 2003, p. 86). Para o autor, a reflexão sobre a opressão está relacionada com as classes e as desigualdades, de forma que os alunos percebam “a relação entre a leitura da palavra, a leitura do mundo e sobretudo a transformação do mundo” (FREIRE, 2003, p. 86). Situados sobre sua situacionalidade, os estudantes podem buscar meios de libertação.

A exclusão digital, como visto nas imagens 4 e 5, é um fator constante na realidade brasileira, considero determinante para pensar a educação não presencial, tendo em vista as possibilidades que a educação online apresenta e a necessidade da interatividade para pensar em uma educação de qualidade. Sem conexão, os estudantes perdem a oportunidade de produzir saberes com a mediação das tecnologias digitais em rede, dialogar e interagir com professores e colegas.

A Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros – TIC Domicílios 2019 – apresentou o celular como o dispositivo mais usado (99%) para acessar a internet no Brasil, como mostrado na imagem 2, em que a mãe conta dividir o celular para as filhas estudarem. Dos 99% mencionados anteriormente, 58% só acessam a Internet pelo celular, ou seja, não dispõem de outros dispositivos para acessar a rede mundial de computadores. De acordo com a mesma pesquisa, “20 milhões de domicílios não possuem Internet (28%)” (CGI.br, 2020).

Dessa forma, torna-se crucial pensar inicialmente as desigualdades, pois é impossível estudar com fome ou em situações inapropriadas, como a mostrada na imagem 3. Então podemos refletir sobre o acesso dos estudantes brasileiros à educação, como tornar os processos de ensino e aprendizagem acessíveis e requerer de forma ativa por melhores condições de acesso à internet de qualidade e equipamentos apropriados para o bom desenvolvimento dos estudos, da criticidade e da libertação.

“E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes” (FREIRE, 1996, p. 14). Essa presença é impossibilitada pela exclusão digital. O direito à educação encontra-se ameaçado nesse cenário. Antes de chegar ao processo de aprendizagem crítica, o estudante precisa ter o acesso ao professor, aos demais estudantes e à formação de forma geral. “O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua submissão” (FREIRE, 1996, p. 14). Então, sanada a questão primordial da

presença, é importante que o educador promova uma ambiência para que o estudante se conscientize da sua desigualdade, da sua ausência, com os motivos para a opressão que vem passando e formas de se libertar. Isto é, contrário à educação bancária, tópico que será abordado a seguir.

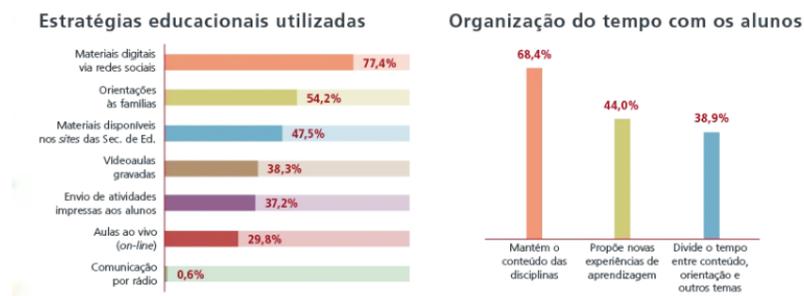
- Educação bancária e a produção de conteúdos

Imagem 6 - Pesquisa Educação escolar em tempos de pandemia na visão de professoras/es da Educação Básica da Fundação Carlos Chagas

■ ESTRATÉGIAS EDUCACIONAIS

Destaca-se, na educação infantil (60%) e no ensino fundamental (65%), o envio de orientações às famílias para estímulo e acompanhamento das atividades realizadas em casa. Observa-se a preocupação das docentes em organizar o tempo com os alunos garantindo o conteúdo das disciplinas.

Quase oito em cada dez professoras afirmam fazer uso de materiais digitais via redes sociais como estratégia educacional



Fonte: https://www.fcc.org.br/fcc/educacao-pesquisa/educacao-escolar-em-tempos-de-pandemia-informe-n-1?utm_source=mailpoet&utm_medium=email&utm_campaign=Informe-1-primeiros-resultados

Imagem 7 - Meme sobre o conteudismo diante da realidade pandêmica



Fonte: <https://br.ifunny.co/picture/ead-conteudo-jGGiy4Rc7>

Constatamos em nossas pesquisas que a lógica conteudista da educação, com foco na produção de conteúdo, o que Paulo Freire chama de “educação bancária”, tem sido recorrente no ensino remoto emergencial. A imagem 7 denuncia essa realidade. Diante da observação de algumas iniciativas de transposição didática de conteúdos da educação presencial para a não presencial, há um olhar direcionado para a transmissão e não para processos de subjetivação, diálogo e reflexão.

Não queremos, com tal comentário, generalizar e afirmar que todas as práticas são assim, mas a imagem 6 apresenta pesquisa sobre estratégias educacionais utilizadas por professores da educação básica em que todos os tópicos levantados na pesquisa (de materiais digitais via redes sociais até comunicação por rádio) passam pela produção e envio de conteúdos. Na imagem 6 há a afirmação “Quase oito em cada dez professoras afirmam fazer uso de materiais digitais via redes sociais como estratégia educacional”.

Pelo fato mesmo de esta prática educativa constituir-se em uma situação gnosiológica, o papel do educador problematizador é proporcionar, com os educandos, as condições em que se dê a superação do conhecimento no nível da “doxa” pelo verdadeiro conhecimento, o que se dá, no nível do “logos”. Assim é que, enquanto a prática bancária, como enfatizamos, implica numa espécie de anestesia, inibindo o poder criador dos educandos, a educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, implica num constante ato de desvelamento da realidade. A primeira pretende manter a imersão; a segunda, pelo contrário, busca a emersão das consciências, de que resulte sua inserção crítica na realidade (FREIRE, 1987, p. 70).

Estimamos a criação dos educandos, ao contrário do conteudismo, que de forma bem básica é a massiva produção de conteúdos pelos professores e sua excessiva valorização em detrimento dos demais processos educacionais. Não excluindo o fato do docente assumir protagonismo em alguns momentos, mas considerando que esse protagonismo não é fixo, move em rede, pelos diversos atores do processo formacional. Educandos críticos e reflexivos, questionando, criando e se autorizando diante da sociedade, se libertando de amarras que a opressão impõe.

Freire acredita que o educador problematizador “re-faz, constantemente, seu ato cognoscente, na cognoscibilidade dos educandos. Estes, em lugar de serem recipientes dóceis de depósitos, são agora investigadores críticos, em diálogo com o educador, investigador crítico, também” (FREIRE, 1987, p. 80). Ou seja, para que os estudantes sejam investigadores críticos e realizem diálogo com o educador é preciso ir além do envio de materiais e proporcionar ambiências digitais para que o diálogo ocorra satisfatoriamente. O que nos leva ao próximo tópico, sobre dialogicidade.

- Dialogicidade e a educação libertadora

Imagem 8 - Meme sobre as formas presenciais (2019) e online (2020) de “matar aula”



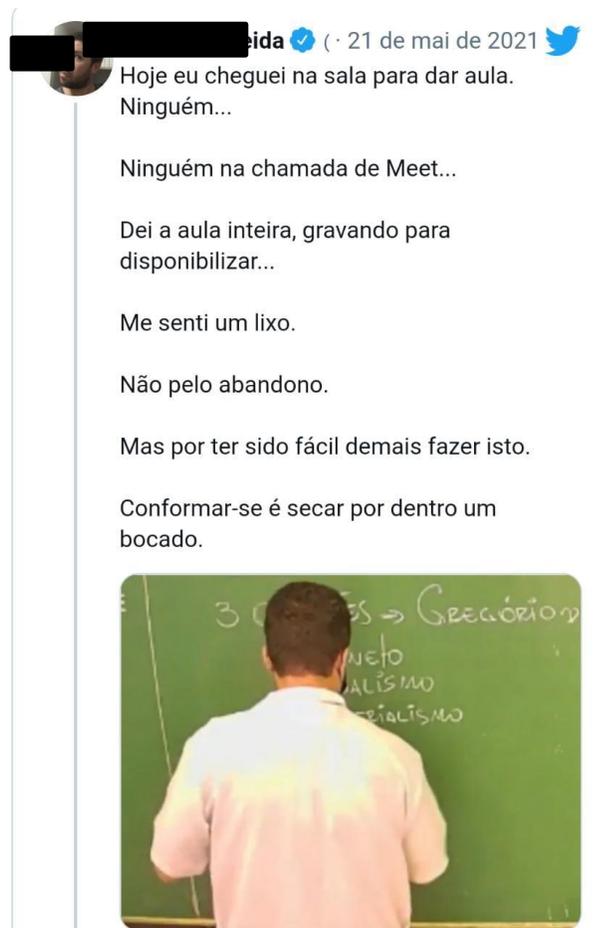
Fonte: <https://www.facebook.com/hiperciencia/photos/a.295790743793528/3090313334341241/>

Imagem 9 - Meme sobre o silêncio de estudantes em cursos a distância



Fonte: https://twitter.com/memes_dogg/status/1282379002955669505?s=08

Imagem 10 – Reflexões docentes



Fonte: <https://noticias.r7.com/educacao/post-com-desabafo-de-professor-viraliza-me-senti-um-lixo-26052021>

Início esse tópico com uma frase de Paulo Freire: “a dialogicidade é uma exigência da natureza humana e também um reclamo da opção democrática do educador” (FREIRE, 1995, p. 74). Somos seres de pergunta, seres da curiosidade, seres da comunicação, seres da ação, ou seja, seres da educação. Ao contrário de todas essas atividades, a educação bancária trabalha no movimento mecânico. Nesse sentido, Freire alerta para “a atenção devida ao espaço escolar, enquanto contexto aberto ao exercício da curiosidade epistemológica, deveria ser preocupação de todo projeto educativo sério” (FREIRE, 1995, p. 78). O educador precisa desafiar a curiosidade e a criticidade dos estudantes, desconfiando, pesquisando e revelando questões importantes para o estudante e para a sociedade em que ele está inserido. A base dessas ações é o diálogo.

As imagens 8, 9 e 10 apontam para queixas recorrentes em cursos não presenciais, a ausência de estudantes e a conseqüente falta de diálogo. Nesse sentido, continuamos recorrendo ao pensamento Freire (1996, p. 52) quando afirma que “não há docência sem discência” e “quem ensina ensina alguma coisa a alguém”, ou seja, nossa condição docência e discência estão entrelaçadas de uma forma inseparável. O que fazer para superar essa questão problemática? Investigar na dialogicidade, conceito tão detalhado por Paulo Freire como o processo complexo em que o diálogo não ocorre somente entre duas pessoas, mas com o mundo também. Considerando também outra assertiva de Freire de que a leitura de mundo precede a leitura da palavra. Uma conversa mediatizada pelo mundo, com respostas em direção à emancipação e à libertação humana das opressões e do autoritarismo.

Além do complexo enredamento entre os envolvidos e o mundo, a dialogicidade se encontra na curiosidade, na indagação e na autoria, como mencionado por Freire na sequência.

Dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos em que o professor expõe ou fala do objeto. O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica aberta, curiosa, indagadora, e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve (FREIRE, 1996, p. 52).

Dessa forma, a passividade e a ausência não fazem parte da educação libertadora. “Nesta teoria da ação, exatamente porque é revolucionária, não é possível falar nem em ator, no singular, nem apenas em atores, no plural, mas em atores em intersubjetividade, em intercomunicação”. Estamos em um processo mútuo e intersubjetivo, onde um afeta o outro, negando a concepção “bancária” e “antidialógica” de educação. Assim, a dialogicidade está no mesmo caminho da educação libertadora e problematizadora, propondo a formação humana pela conscientização, questionamento, partilha, na relação com o mundo, na troca e no conjunto. Contra a alienação, autoritarismo e opressão pela equidade e justiça social, conforme tópico seguinte.

- Pensamento crítico para equidade e justiça social

Imagem 11 – Mudança de paradigma após a leitura de Paulo Freire



Fonte: <https://me.me/i/antesdeleer-a-paulo-freire-despues-de-leer-a-paulo-freire-13875432>

Imagem 12 – O que faz um professor?



Fonte: https://www.instagram.com/p/CGXaydPp528/?utm_medium=copy_link

A afirmação “as coisas são assim porque não podem ser de outra maneira” é um dos muitos instrumentos dos dominantes com que tentam abortar a resistência dos dominados. Quanto mais anestesiados historicamente, quanto mais fatalistamente imersos na realidade impossível de ser tocada, que dirá transformada, tanto menos futuro temos (FREIRE, 1995, p. 82).

A esperança de dias melhores precisa ser constante, afinal, de acordo com a imagem 12, no pior das hipóteses, nós, professores, fazemos toda a diferença. O desenvolvimento do pensamento crítico dos nossos estudantes também está nas nossas mãos. Segundo Freire e Guimarães (2013), a construção do conhecimento ocorre por meio do confronto com sua realidade. Ele incentiva uma atitude curiosa em relação ao mundo, em uma busca constante pela compreensão e com o objetivo de desenvolver a consciência crítica. A educação reflexiva, dialógica, consciente e libertária preconizada por Freire (1987) propõe que as pessoas se relacionem com o mundo para mudar as dinâmicas de poder e desigualdade. O processo de conscientização também envolve atuar diante da opressão e dos problemas sociais. Lembrando que a realidade social injusta é uma problemática com politicidade intrínseca, pois não é acidental, é intencional.

As implicações das ideias de Freire para a educação para a justiça social são formas de ensinar para a libertação, ensinando a reconhecer o valor de cada pessoa na sociedade, independentemente da profissão e do nível de estudo, porque não há hierarquia de conhecimento e cultura. Se lutarmos contra a opressão e favorecermos a igualdade, podemos construir uma sociedade mais justa, com equidade e justiça social.

Buscamos uma educação que se propõe inclusiva, colaborativa e democrática, que leva em consideração a realidade e as identidades dos estudantes, explorando as contradições do mundo, as mazelas da sociedade e reconhecendo a reprodução das desigualdades sistêmicas para compreender o motivo e lutar contra eles, por um mundo melhor. Como na imagem 11, depois de ler Paulo Freire ficamos preparados para enfrentar múltiplas batalhas. A educação para a justiça social é uma noção que expressa o desejo e o engajamento da educação contra a opressão e a exclusão (ADAMS, 2016). Portanto, as experiências de aprendizagem que seguem essa abordagem investem na diversidade, experiências individuais, educação anti-discriminação, identidades diferentes, formação cultural e comunidades.

Nutrido-se de mudanças, o tempo de trânsito é mais do que simples mudança. Ele implica realmente nesta marcha acelerada que faz a sociedade à procura de novos temas e de novas tarefas. E se todo Trânsito é mudança, nem toda mudança é Trânsito. As mudanças se processam numa mesma unidade de tempo histórico qualitativamente invariável, sem afetá-la profundamente. É que elas se verificam pelo jogo normal de alterações sociais resultantes da própria busca de plenitude que o homem tende a dar aos temas. Quando, porém, estes temas iniciam o seu esvaziamento e começam a perder significação e novos temas emergem, é sinal de que a sociedade começa a passagem para outra época. Nestas fases, repita-se, mais

do que nunca, se faz indispensável a integração do homem. Sua capacidade de apreender o mistério das mudanças, sem o que será delas um simples brinquedo (FREIRE, 1967, p. 46).

Em um momento pandêmico, de tantas mudanças, desejo coragem a todos os educadores. Coragem para se reinventar, se integrar, se conscientizar e continuar a luta por uma educação de qualidade, em uma sociedade mais igualitária. Paulo Freire vivenciou contextos de mudança e fala com propriedade sobre o papel do educador diante desse contexto. Considero a frase a seguir uma valiosa contribuição para dar ânimo e esperança: “a educação, por isso, na fase de trânsito que vivíamos se fazia uma tarefa altamente importante. A sua força decorreria, sobretudo, da capacidade que tivéssemos de nos incorporarmos ao dinamismo da época do trânsito” (FREIRE, 1967, p. 47). Suas reflexões desempenham um papel impulsionador para agirmos diante do trânsito em que vivemos hoje.

Imagem 13 – Surpresa, emoção e valorização

Professora se emociona com surpresa feita por alunos durante aula online e vídeo viraliza: 'Chorei muito'

PO: MONIQUE DE CARVALHO | 17/09/2020



Fonte: <https://razoesparaacreditar.com/professora-surpresa-alunos-aula-online/>

Finalizo essa análise apresentando o retrato de uma das muitas ações positivas que vêm tomando a educação, para mostrar que muitas iniciativas maravilhosas vêm sendo implementadas pelos professores e pesquisas já demonstraram algumas (MARTINS; CASTRO; TRANCOSO, 2020), mostrando como essa categoria vem criando e se reinventando apesar de tantas dificuldades e do desprestígio que sofre. Podemos observar nas imagens as câmeras dos estudantes ligadas para uma surpresa, as expressões de felicidade e a professora emocionada e se sentindo valorizada. Que

esse momento aconteça com mais frequência, para que esses profissionais tão batalhadores ganhem o merecido reconhecimento diante de tanto esforço e tanta dedicação ao longo desse um ano de pandemia.

(In)Conclusões

Como a teoria de Paulo Freire pode ser relacionada com a educação praticada na pandemia, a partir de imagens que denunciam e anunciam situações educacionais cotidianas? A questão pode ser respondida com base no aprofundamento de quatro temáticas que se tornaram significativas ao longo da pesquisa: desigualdades sociais e o direito de aprender, onde abordamos a necessidade de dar condições de acesso para a inserção e permanência dos estudantes, visando uma educação de qualidade. Avançamos para o combate à educação bancária e a produção de conteúdos, apontando a necessidade de deslocar o protagonismo do professor para a rede que se estabelece entre estudantes, materiais, ambiências, diálogo, docentes e tantos outros atores desse fundamental processo educacional. Na sequência, o tema foi dialogicidade e educação libertadora, em que nos dedicamos aos estudos da comunicação, do diálogo e da curiosidade dos estudantes como prática de liberdade. Por fim, o pensamento crítico para equidade e justiça social, como uma meta e ação de esperar por um mundo melhor.

Dessa forma, considero que o objetivo de estabelecer diálogo com o pensamento de Paulo Freire para pensar em possibilidades de ressignificação da educação que está sendo praticada em alguns cotidianos escolares foi atingido. Como sair da lógica produtivista, conteudista e bancária? Levar em consideração as realidades dos estudantes, tornando frequente sua movimentação produzindo intervenções no mundo, promovendo criticidade e autoria, onde estudantes precisam se destacar para alcançar objetivos, desenvolver projetos em que estudantes se sintam engajados para a resolução, atualização sobre assuntos e interfaces que contribuam para momentos prazerosos entre os envolvidos e promover ambiências dialógicas de forma constante.

Sem a pretensão de viabilizar uma receita para uma educação de qualidade, fornecemos dicas para repensar a lógica que a educação está imposta. Cada realidade apresenta diferentes desafios, seres humanos com desejos e processos de subjetivação diversos. Então somente quem vive naquela realidade poderá pensar em táticas mais assertivas. Contudo, sigo na esperança (do verbo esperar, como Paulo Freire nos ensinou) de que outras práticas educacionais sejam

impulsionadas com meus escritos. Convido a todos ao diálogo e à continuidade dessas reflexões, vamos esperar?

Referências

ADAMS, Maurianne. Pedagogical foundations for social justice education. In: ADAMS, Maurianne; BELL, Lee Anne & GRIFFIN, Pat (Eds.). **Teaching for diversity and social justice: A sourcebook** (pp.15-33). Routledge, 2016.

ALVES, N. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas». In: OLIVEIRA, I. B. ALVES, N (Orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**, Petrópolis, DP&A, 2008.

ALVES, N. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. **Revista Teias**, v. 4, n. 7, 2003.

ALVES, N.; ANDRADE, N. Histórias possíveis entre imagens: conhecimentos e significações na produção de vídeos em escolas. In: MARTINS, R. **Educação**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013. p. 135-151.

ALVES, N.; ARANTES, E.; CALDAS, A.; ROSA, R. S.; MACHADO, I. Questões curriculares e a possibilidade de sua discussão em cineclubes com professores: a questão religiosa na escola pública. **Visualidades**, Goiânia, v.14 n.1, 2016.

ANDRADE, Nivea; CALDAS, Alessandra N.; ALVES, Nilda. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos - após muitas conversas acerca deles. In: OLIVEIRA, I. B.; PEIXOTO, L. F.; SÜSSEKIND, M. L. (Org.). **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas**. 1ed. Curitiba: CVR Editora, 2019, v. 1, p. 19-45.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CGL.BR/NIC.BR. (2020). **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros – TIC Domicílios**. Disponível em: https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2019_coletiva_imprensa.pdf Acesso em: 26 jul. 2021.

COLACIQUE, R. **Visualidades surdas na cibercultura: aprendizagens em rede**. 2018. 242 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Os personagens conceituais. In DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992: 81-109.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F.. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992: 81-109.

FREIRE, P. **À sombra desta mangueira.** São Paulo, Olho d'Água, 1995.

_____. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a Pedagogia do Oprimido – Notas: Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003

_____. **Pedagogia do oprimido.** 17^a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Educar com a mídia:** novos diálogos sobre educação. [recurso eletrônico] Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno.** São Paulo, Ática, 1992.

MACEDO, Roberto S.; GALEFFI, Dante; PIMENTEL, Álamo. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa:** educação e ciências humanas. Salvador: EDUFBA, 2009. 174 p.

MARTINS, Vivian; CASTRO, Bárbara; TRANCOSO, Michelle. Criações e percepções docentes no ensino remoto durante a pandemia de covid-19: uma pesquisa com os cotidianos. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 6, 2020.